

O Papel da Metáfora Paterna na Constituição da Feminilidade

Jeferson Botelho Salgado

Rafaella Alves de Souza Silva

Fernando Figueiredo dos Reis

Centro Universitário De Anápolis – UniEvangélica

Nota do Autor

Jeferson Botelho Salgado, discente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica;

Rafaella Alves de Souza Silva, discente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica;

Fernando Figueiredo dos Reis, psicólogo, psicanalista, mestre em Psicologia Social pela universidade de São Paulo e docente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica.

Resumo

Este trabalho propõe formular questões a respeito de conceitos que para psicanálise são de suma importância. Para Freud escutar suas pacientes histéricas o levou a construir as bases da psicanálise. A feminilidade e o desejo da mulher são concepções elaboradas por Freud e Lacan. O enigma da mulher e da feminilidade, o trabalho psíquico que envolve no devir da mulher são questões fundamentais aqui analisadas. Com o presente estudo, objetiva-se em fazer uma leitura dos conceitos lacanianos de metáfora paterna. Lacan coloca o Édipo como uma entrada do sujeito no mundo simbólico. Em razão de ser uma ordem simbólica, a função paterna opera como uma metáfora, assim, o nome-do-pai entra como uma permuta ao falo e como isso implica nas posições da sexualidade. As questões do feminino constituem um ponto de partida para a psicanálise e um ponto de retorno a teoria freudiana.

Palavra-chave: Metáfora Paterna, Mulher, Feminilidade, Psicanálise.

O Édipo e sua formação

Para a psicanálise, a etapa da vida que é considerada como fundamental para a organização do sujeito, a sua constituição, se dá dentro da cena edípica, o complexo de Édipo é como pontua Freud (1996g) o núcleo das neuroses, mas é também o centro decisivo da formação da sexualidade. É apoiado no Édipo que o sujeito irá organizar o seu vir-a-ser, principalmente nas diferenças entre os sexos, relação a como o sujeito irá se haver com as suas faltas ante a angústia de castração. Esse pensamento que reconhece o Édipo como sendo indispensável para essa estruturação, também leva a atestar a presença do Outro na constituição do sujeito.

Freud (1996g) em seus textos sobre o Édipo, explica as relações ente o Complexo de Édipo e a castração, esse percurso foi o que permitiu que ele pudesse notar que existe uma primazia de todas as crianças pelo pênis, seu fascínio vai ser depositado numa forma masculina, o que traz a ideia de que não é um interesse nos órgãos genitais do menino em si, mas uma primazia do falo.

Advindo da ideia das crianças que o pênis é comum aos dois sexos, Freud (1996a) dispõe da fase fálica para se pensar a teoria do desenvolvimento sexual, na qual a criança, atribui o órgão masculino, o pênis, a todos os seres vivos e até a objetos inanimados, porém, acima de tudo a criança vai conferir especialmente à mãe esse órgão, o falo é o objeto imaginário da criança, sendo um correspondente anatômico de um pensamento universal, que dita de uma imagem atribuída ao outro.

O que se tem em seguida é a descoberta de que esse pensamento, que todos têm um pênis, é um engano, essa revelação vem por meio da visão acidental dos órgãos genitais de uma mulher. Esse primeiro contato causa a negação da falta do pênis, mas depois a criança chega à conclusão de que essa pessoa tinha a posse do pênis, mas lhe foi tirado em algum momento anterior. Para o menino essa imagem carrega a possibilidade de acontecer-lhe o mesmo, a ausência de um órgão, em outro corpo, o faz cogitar a promessa da perda no seu próprio corpo, gerando dessa forma um sentimento que o levará a uma ferida narcísica. Mas esse falo que brinda a um com a angústia de perdê-lo [o menino] e a outro com a inveja de possuir [a menina] é, portanto, inscrito

na subjetividade dos dois sexos, e particularmente, no feminino como uma suspeita de ausência, algo falta no corpo dessa criança (Freud 1996g).

Essa cena da visão do corpo mulher e a ideia de horror em volta disso, possibilita Freud a articular o órgão feminino com a angústia de castração, trata-se de um olhar para o objeto que traz angústia. Esse complexo de castração é o que determina o fim do Complexo de Édipo para o menino, mas para a menina a sua inveja do pênis [Penisneid] se articula para o desejo de ter um filho com o pai, dá-se sentindo a essa ideia na equação simbólica pênis = criança, a menina então vai elaborar uma saída para resolver o problema da diferença anatômica entre os sexos. (Freud,1996c).

Freud (1996g) em “O Ego e o Id” aprofunda uma ideia polêmica, na qual a bissexualidade está no caminho para a constituição do sujeito no campo sexual, estando também envolvido a relação com os seus genitores. Nesse mesmo momento de seu pensamento, Freud fala sobre a ideia de Complexo de Édipo simples, e como essa ideia foi vulgarmente difundida na sociedade e na psicanálise, onde o menino odeia o pai e quer casar com a mãe e a menina odeia a mãe e quer se casar com o seu pai, esse complexo pode ser denominado também de “positivo”, dessa formulação do Complexo de Édipo simples se passa ao Édipo completo, onde Freud (1996f) dirá, que não há um só neurótico que não tenha tendências homossexuais, e que certos sintomas são a manifestação dessa inversão latente.

Então no Complexo de Édipo simples, se tem o seguinte: o desejo de possuir a mãe, se junta ao de eliminar o pai, mas nessa relação com o pai não há pura e simplesmente ódio, mas sim um sentimento ambivalente entre amor e ódio, já que junto a essa vontade de afastar o pai e possuir a mãe, existe também, uma identificação com o pai, que é nomeada com amor. Esses desejos que tem como destino o recalque, tem duas vias de desdobramentos: identificação com a mãe ou como pai, que acontece tanto para a menina quanto ao menino (Freud, 1996g).

Sendo assim, no campo dos neuróticos, se tem denominado o “Complexo de Édipo completo”, que é, portanto, duplo, positivo e negativo, o menino mostra uma atitude feminina em relação ao pai, e uma atitude hostil em relação a mãe, já a menina, assume uma postura de amor com o pai e desamável, agressiva e masculina com a mãe (Freud,1996g). Dessa forma o que se tem como bissexualidade para Freud, é, portanto, a formulação de que o menino e a

menina, dentro do Édipo completo, experienciam um lado feminino e um lado masculino para com seus genitores.

Progredindo esse pensamento, Quinet (2015) expõe a ideia de que o mito de Totem e Tabu oferece um pensamento mais congruente com a ideia de Complexo de Édipo que a peça de Sófocles do Édipo Rei. Em Totem e Tabu, Freud (1996i) formula o mito onde, conforme os filhos estão submetidos a interdição de matar o pai e ao tabu da interdição do incesto com a mãe, esse totem representa a relação dos sentimentos ambivalente com o pai, amor e ódio, em que se tem o pai gozador, tirano e o pai morto, que foi transformado em totem e que ocupa a função de pai simbólico que sustenta uma lei. O pai primitivo que impede o gozar dos filhos em seu desejo é então morto por eles, posteriormente esses mesmos membros irão estabelecer um totem que simboliza esse pai morto, e então a lei de que não se goza com a mãe, nem com a figura do pai vivo e nem morto. (Freud,1996i).

No mito de Édipo a morte do pai permite o gozo com a mãe, mas ao preço da castração no corpo real desloca-se com a ideia de que esse gozo precisa ser barrado, nesses dois mitos se conversa com a ideia de uma barreira da morte do pai e o gozo com essa mãe. Lacan (1999) elabora em seu conceito, a ideia de que, o pai só entra nessa função morto, enquanto função simbólica. ele teoriza que o gozo do pai desaparece com a sua morte e resta apenas a lei da interdição, o incesto, no seu lugar; um nome [um totem] como significante da lei.

Lacan orienta a sua concepção do Complexo de Édipo com a entrada na linguagem e sua operacionalização pelo bebê que agora consegue metaforizar o desejo da mãe, entrar no deslizar do significante da metonímia do desejo, e na dialética do ter ou não o falo (Quinet, 2015). O aspecto que dá escopo a Metáfora Paterna é o processo da escalada da lei que barra o gozo da mãe como objeto de desejo que é proibido e então é um gozo impossível. A perpetuação disso se encontra nos três tempos do Édipo pensados por Lacan (1999) no Seminário 5 Sobre as Formações do Inconsciente, onde nesse desdobramento o sujeito se encontra apto a sexualidade.

Lacan (1999) retira das Leis do inconsciente, a metáfora e metonímia para poder entender como a Metáfora Paterna reordena o campo das estruturas clínicas, com a metonímia do desejo ele organiza a teoria analítica dando poder unicamente a palavra. O pai que tem êxito para o desenvolvimento dos filhos não é o genitor, mas sim o Nome-do-Pai, esse conceito tem em seu

pensamento uma importância primordial. É então o significante que proporciona simbolizar as posições feminina e masculina na partilha dos sexos, estruturando o inconsciente freudiano como uma linguagem ordenada pelas leis da metáfora e da metonímia.

Para Lacan (1999) o Nome-do-Pai está no discurso da mãe, e é nele que ela aponta seu desejo, esse podendo apontar para o genitor da criança fazendo o papel de pai ou não. A função da mãe ou do pai pode ser ocupada por vários agentes, na medida em que o Nome-do-Pai é uma metáfora. Lacan traz então que essa metáfora não está dentro de uma perspectiva linear no desenvolvimento do sujeito, mas é na verdade uma operação estrutural, atemporal.

Mas ainda se pode pensar em dois tempos lógicos nos quais acontece essa inscrição: em um primeiro momento o bebê se depara com o desejo da mãe, que é enigmático; em um segundo tempo a fala da mãe aponta para o Nome-do-Pai e esse seu desejo está mascarado por algo como o pai, o trabalho, o mistério do que a mãe quer e irá receber uma significação, o valor do falo (Lacan, 1999). O resultado desse movimento é a instalação do Nome-do-Pai no lugar do Outro, assim o falo toma significação para o sujeito, que é então introduzido na lei simbólica e na sexualidade.

Através da construção explicitada por Alvarenga (2019) frente a construção que Lacan (1999) propôs no Seminário 5, pode-se observar que o Édipo é posto em três tempos lógicos:

1- Criança — Mãe — falo// Pai

2- Criança — Mãe — Pai que diz não

3- Criança — Mãe — Pai que diz sim

Alvarenga (2019) em sua leitura exemplifica que no primeiro tempo há uma relação imaginária entre a mãe, a criança e o falo, sendo o pai uma presença velada - criança se identifica com o falo da mãe. No segundo tempo: o pai entra dizendo o não. É o pai privador, que intervém através da fala da mãe. Já no terceiro tempo: finalmente, o pai diz sim, apontando para o menino a possibilidade de ter ou não ter o falo e para a menina, que não o tem, a possibilidade de ir buscá-lo em um parceiro que o tenha.

Por estas razões, que este estudo pretendeu compreender os processos que essa imagem do pai sustentada na função paterna faz surgir as significações sexuais. Lacan resume o Édipo freudiano como uma operação significativa que tem como resultado a inscrição do Nome-do-Pai no lugar do Outro (Lacan,1998) o resultado disso é a significação do falo que irá autorizar o sujeito a ter uma vida sexual inscrita na linguagem.

Metodologia

Com o intuito de atingir o objetivo proposto, foi realizada busca nos sites SCIELO, Science Direct e LILACS e em livros. Foram utilizados os descritores: Feminilidade, Sexualidade, Metáfora paterna, Estruturação da feminilidade, psicanálise.

Para se obter os resultados e identificar os estudos sobre a atribuição da metáfora paterna na constituição da feminilidade, foi realizada uma busca em 2020, foram usadas fontes de informação científica em Psicologia e Psicanálise, nacionais e internacionais, considerando as bases: SCIELO (um banco de dados bibliográfico, biblioteca digital e modelo cooperativo de publicação digital de periódicos científicos brasileiros de acesso aberto), PEPSIC (base gratuita que inclui textos completos da Psicologia e áreas afins) e Science Direct (página na web operada pela editora anglo-holandesa Elsevier. É uma plataforma para acesso de aproximadamente 2500 revistas científicas e mais de 26000 e-books).

Os artigos utilizados nesse estudo foram tabulados seguindo os critérios de inclusão e exclusão. Como critérios de inclusão foram estabelecidos: artigos em língua portuguesa, francesa e Inglesa, artigos sobre Feminilidade, complexo de Édipo, metáfora paterna e os estudos clássicos. Como critérios de exclusão foram estabelecidos artigos que estejam correlacionados a outras áreas que não sejam a psicanálise e psicologia.

O papel da Metáfora Paterna na constituição da Feminilidade

Um conceito abordado desde o início da psicanálise é o do Pai, qual a sua função, qual o seu papel na constituição do sujeito, são algumas das questões que norteiam muitos trabalhos. Lacan, que é considerado junto com Freud como um dos psicanalistas que mais discutem sobre

o tema. Lacan (1999) em seu Seminário 5, Sobre as Formações do Inconsciente expõem como esse conceito é fundamental para se pensar como se constitui o epicentro do sujeito, pois também é ao redor desse conceito que as amarrações são feitas.

Lacan (1999) elabora essa função do pai ao propor que a identidade sexual irá passar por sua inscrição subjetiva, a função do pai participa como uma ordenação percurso as posições feminino e masculino. Lacan (1999) esforçou-se para responder ao questionamento de como o sujeito consegue entender a realidade, cunhando o conceito de Nome-do-Pai para isso.

Em sua chamada primeira clínica Lacan propôs o pilar que seria fundamental para a organização das estruturas em torno da inscrição ou não do significante do Nome-do-pai. O recalque do significante originário, o desejo da mãe permite se produzir um novo significante denominado Nome-do-Pai onde ocorre a nomeação metafórica tido como objeto fundamental do desejo da criança (Lacan, 1999).

Lacan (2003) em Os complexos familiares na formação do indivíduo declara que a constituição do eu [moi] resulta da busca do psiquismo em construir uma unidade, uma vez que a criança não quer continuar no estado em que se vê partida corporalmente no início da vida. O papel desempenhado então é de ser fonte dessa significação que busca se juntar e não continuar fragmentada.

Lacan (1988) explicita no Seminário 3, as Psicoses que a as assimilações com a figura materna é fruto do desvio que é feito até o desejo pai, nesse caminho a menina então pode tomar uma identificação imaginária com o pai, entrando na disposição histérica. Valdivia (1997) irá compor o pensamento lacaniano afirmando que, esse arranjo da histeria, é onde a assunção da posição masculina permite ver a dificuldade histérica de se construir uma identificação sexual, o corpo da mulher é o que dá suporte a sua identificação imaginaria, esse movimento é, portanto, uma tentativa de tampar a falta do reconhecimento simbólico do pai, existe um caminho a ser trilhado: sempre se buscar o falo, nesse caminho a histérica sente-se atraída pelo falo.

Tendo o menino passado pela fase fálica e pela castração, a menina não herda como ele o reconhecimento simbólico do pai. Para o sujeito nessa posição feminina, surge o sentimento de que foi lhe tirado algo, criando então uma demanda histérica ante seu sofrimento e sua queixa, que demanda de um reconhecimento simbólico ligado a figura do pai, que a não deu o que tamparia sua falta. (Valdivia,1997).

Lacan (1998) traz várias implicações dentro de suas das formulações sobre a feminilidade, uma delas é a relação que a mulher tem com sua falta. Em Uma Questão Preliminar a Todo Tratamento Possível da Psicose, Lacan (1998) irá costurar as ideias dos significantes produzidos pela inscrição da metáfora paterna, onde ele articula que esse significante intitulado como S1 é o que decorre dessa castração, o que fica dessa experiência de castração de lidar com a falta, ele decorre da inscrição da metáfora paterna, o S1 é o significante proposto por Lacan ligado a falta. A Metáfora Paterna é a inscrição da lei, da interdição, o S1 é decorrente da inscrição paterna, no feminino não existe quem não esteja castrado. O feminino lida com a castração, lida com a sua falta.

A mulher então, está na função fálica como não-toda, por conta disso ela tem a possibilidade de produção a um outro gozo que não o fálico, o gozo do Outro (Lacan,2008). Esse Outro está na ordem do indizível, portanto é fora-da-linguagem, e a feminilidade então adquirir um ar de mistério, algo incompreensível aos que tentam compreender do ponto de vista masculino, da posição do todo fálico.

Esse gozo é proposto por Lacan (2008) em seu Seminário 20, Mais Ainda. O gozo, não está presente na obra freudiana como tal; assim como Freud delimitou, como o Mais-além do princípio do prazer. Lacan avança o pensamento de Freud, com o conceito de Gozo, onde existe um excesso insuportável de prazer, como uma manifestação no corpo que traga sofrimento. O Gozo não é um prazer sexual, mas algo que se manifesta como sofrimento em um nível consciente, mas que se satisfaz em um nível inconsciente. O gozo quer sempre do sujeito inconsciente sua plena satisfação, aí é onde a compulsão a repetição impera (Lacan,2008). Passa-se assim à compreensão de que mesmo sendo importante, o princípio do prazer nem sempre é dominante nos processos mentais. Existe algo no aparelho psíquico que ultrapassa a tendência do princípio do prazer. O material inconsciente, nunca poderia ser totalmente alcançado (Lacan,2008).

As formulações de Lacan (2008) referentes a feminilidade não estão em um conjunto fechado, não existe para o autor uma classe feminina como da ordem do masculino. As mulheres só podem ser contadas no uma-a-uma, não existindo um artigo que as defina para um significante universal, pois não a nelas um que seja específico. Para Lacan (2008), a mulher não existe essa ideia da inexistência que irá justificar sua existência enquanto ideal, a representação da mulher é algo inalcançável no nível simbólico, sendo alcançada apenas pela via da maternidade, porém isso enquadra a mulher somente enquanto mãe.

A mulher é constituída por um percurso psíquico, um vir-a-ser como já dizia Freud (1996d). Os pais não lhe dão um suporte para sua identidade e o motivo significante da identidade feminina, existe aí então um mistério. A mulher é o que move o homem a elaborar o seu lado do desejo, e a mulher o encarna, sendo esse o único avanço do real.

Metáfora paterna

Em seu texto Além do princípio de prazer Freud (1996b) apresenta um ponto sobre como a criança lida com a ausência. Por meio da observação do brincar de seu neto, a brincadeira nomeada de Fort da, que em específico se trata de simbolizar a ausência da mãe, ou seja, como essa mãe não estando ali, permite que a criança crie estratégias para simbolizar a falta. São dois movimentos que acontecem dessa metáfora dita como brincadeira, na primeira a presença e ausência da mãe é traduzida pela vinda e ida do carretel como uma forma de se ter controle sobre a mãe, no segundo momento a criança se refere a essa ausência e presença dos objetos.

Por meio dessa operação simbólica de presença-ausência da mãe a criança toma para si um meio de controlar a situação, quando a mãe deixa essa criança sozinha é como se ela a afastasse, porém, quando a criança lança o carretel ela agora está no papel de repelir (Freud,1996b). Nesse movimento a criança teria renunciado a sua identificação de ser o falo para o ponto em que deseja ter o falo, ela deixa de ser o objeto que corresponde ao desejo do Outro para então mover o seu desejo (Lacan, 1999).

Por meio do recalque originário a criança realiza uma mudança dos significantes, através da metáfora paterna se influencia a pôr um novo significante no lugar do desejo da mãe. Quando então esse significante originário é substituído, ele é recalcado passando ao estado inconsciente, deixando assim a criança renunciar ao objeto que inaugura o seu desejo, tornando inconsciente (Ramirez ,2004).

Lacan em De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1998a) apresenta uma fórmula para ajudar a entender como todo esse funcionamento ocorre. Os S sendo os significantes, x é a significação inédita que não é conhecida e o s é o significado

conduzido pela metáfora, que se traduz na mudança da cadeia de significantes de S' por S (Lacan, 1988).

A personificação significativa do desejo da criança em seu estado original se dá então:

(Como podemos observar na figura 1):

$$\frac{S_1}{S_1} \leftrightarrow \frac{\text{Significante do desejo da mãe}}{\text{Idéia do desejo da mãe: falo}}$$

Figura 1. A estruturação do significante do desejo da criança.

Fonte: Ramires, H. H. A. e. (2004). Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. *Mental*, 2(3), 89-105. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008#nota.

A criança então liga a ausência da mãe ao pai, onde é construído a associação mãe ausente = está junto com o pai, a criança então nomeia o pai em primeiro lugar como um rival e depois como aquele que detém o falo. Ai então nessa elaboração a criança significa as ausências da mãe trazendo a alusão ao pai. A criança então nomeia o pai como uma suposição do desejo da mãe.

Ela então associa o significante do Nome-do-Pai ao significado do falo, nesse movimento o Nome-do-Pai substitui o significante falo e assim fará com que o falo se torne da ordem inconsciente.

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Figura 2. Formula da constituição do significante do desejo da mãe.

Fonte: Ramires, H. H. A. e. (2004). Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. *Mental*, 2(3), 89-105. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008#nota.

Sendo então que A representa o Outro e aponta para a ideia de que a presença do significante no Outro é uma presença que o sujeito não consegue acessar já que está em um estado recalçado persistente (Lacan, 1998a).

Após essa troca metafórica dos significantes o pai será então visto junto ao falo como um significante cristalino que então será o Nome-do-Pai, nesse estado a criança vai nomear de maneira metafórica o objeto de seu desejo, o desejo primordial, mas tudo isso em um nível inconsciente pois o primeiro significante já foi recalçado por essa operação.

O Édipo então é onde o Nome-do-Pai vai atualizar a castração, essa castração em um nível simbólico. Esse falo então no final do Édipo, como a privação simbólica do objeto que no fim é imaginário (Dor, 1999). Na formação do desejo o pai inscreve o falo no campo do Outro, demarcando a linha do incesto e um ponto de basta, nesse transbordar do gozo o falo então será esse limite.

Lacan (1988) no Seminário 3, As Psicoses traça o parêntese da linguagem com o inconsciente e pretende pensar a linguagem exterior a anunciação sendo a língua como um caminho onde os signos são estruturados de tal forma que articulam o falo ao Outro (A) proporcionando então a criação do Nome-do-Pai e sua função de ponto de basta. O Nome-do-Pai não é apenas o fim de algo, mas indicia o desfecho de toda significação perdida em nome de uma anterior. A ideia tida por Lacan tem como o intuito mostrar essa relação de ponto de basta e o lugar do Outro e como essas duas funções são articuladas para pensar a partilha dos sexos e até mesmo as formas de gozo do sujeito.

A Feminilidade

Freud (1996j) apresenta as estruturas para se pensar acerca da feminilidade em seu texto sobre os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Inicialmente Freud postula a ideia de que existe em um dos órgãos sexuais, uma primazia, esse é o ponto de partida das teorias freudianas nesse campo, isso tem um grande peso para se pensar a constituição do feminino, pois é no corpo do menino que o único aparelho genital é reconhecido pelos dois sexos, esse é o objeto central dessa tópica; desde de Freud até Lacan esse é o ponto que irá nortear as formulações desses autores e como o feminino é atravessado pelo significante fálico.

Em *A Organização Genital Infantil* Freud (1996e) avança em seu pensamento complementando as ideias já postas nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, ele formula que existe uma diferenciação em como a sexualidade infantil se organiza, o adulto vai se organizar binariamente ao redor do genital, diferenciando homens e mulheres por sua anatomia, mas na infância a ordem fálica é quem rege as diferenciações, o pênis do menino é o que é visto como único órgão a se ter, a menina em seu corpo possui o clitóris, sendo visto como um órgão inferior ao pênis. (Freud, 1996c). Nessa fase não seriam diferenciados psiquicamente pela construção de homem ou mulher, mas sim em relação em possuir ou não esse órgão.

Freud (1996a) em *A Dissolução do Complexo de Édipo* avança nesse pensamento colocando luz na direção em que diferencia o desenvolvimento da sexualidade. O menino nesse movimento do declínio do complexo de Édipo irá se arranjar sob complexo de castração, um conflito entre os desejos libidinais e o interesse narcísico dirigido ao pênis. Já na menina a visão do pênis a irá conduzir pelo caminho não do medo da castração, mas no sentimento de inferioridade e inveja desse pênis (Freud, 1996c). A menina então percebe o pênis no corpo do menino, e vê nele o correspondente superior ao seu próprio órgão pequeno e escondido, a partir daí cai vítima da inveja do pênis. No menino quando ele vê o órgão da menina ele se mostra a princípio pouco interessado, só depois quando uma ameaça de castração ganha influência sobre ele é que o mesmo vai se lembrar e essa informação vai se tornar significativa para ele. Já na saída do Édipo se vê como os caminhos do menino e da menina se diferenciam e se constituem ao redor do pênis.

Seguindo essa construção Freud conclui que a menina não passa pelo temor da castração, pois já é castrada, enquanto o menino teme a castração, o superego introjetado pela autoridade paterna encerra essa fase para ele, mas para a menina esses fatores externos agirão sobre ela de uma outra forma: a intimidação ou até mesmo o temor de não ser amada, são ideias que o Freud formula para dar conta dos caminhos finais por onde supostamente passaria o complexo de Édipo da menina (Freud, 1996a).

Em seu texto *Sexualidade Feminina*, Freud (1996h) faz uma virada sobre suas antigas formulações sobre as consequências das diferenças anatômicas, agora como destaque a longa duração da fase pré-Edípica da menina e a sua tensa ligação amorosa com a mãe. Isso carrega com si questões interessantes para a formação da feminilidade, Freud então irá se perguntar por que, diferentemente do menino, a menina abandona a ligação com a mãe? A questão de

Freud aqui é saber qual o caminho que faz a menina se desligar com a mãe e voltar ao pai, toda a questão da sexualidade feminina tem como cerne essa passagem, da mãe ao pai, mas o que em si determina essa passagem?

Ele anuncia então que a menina toma a mãe com o objeto de seu amor, assim como o menino também o faz, porém para a menina implica um movimento duplo: abandonar a mãe, quanto esse objeto de amor, e a virada para essas moções de amor ao pai. Freud (1996h) acentua a dificuldade que a menina tem em fazer essa troca, vinculado a isso vem o abandono de sua zona erógena principal, o clitóris, para uma nova, a vagina.

Freud (1996h) formula que é no complexo de castração, que uma resposta para a falta faz a menina induzir o pensamento de que, sua mãe a responsável por sua falta de pênis, e não lhe perdoa esta desvantagem. Nesse momento, Freud afirma que não existe uma posição que os caminhos sejam totalmente iguais, Édipo feminino e o Édipo masculino diferenciam em suas constituições em alguns pontos. No menino o encontro com o corpo da mulher o introduz ao complexo de castração e por consequência a destruição de sua fase Edípica, a menina reconhece a sua posição faltante, porém nessa fase, ela irá protestar contra esse estado (Freud,1996h).

Após o encontro com a castração se tem os três caminhos propostos por Freud (1996h) a escolha da neurose, o complexo de masculinidade e a feminilidade. Na primeira saída existe uma interdição a sexualidade, advinda da negação geral com a sua sexualidade por conta do desgosto sofrido em relação ao seu clitóris em comparação ao pênis do menino, sendo visto como insatisfatório, trazendo prejuízos a sua sexualidade. Diante da inveja do pênis, a menina abre mão da sua sexualidade fálica.

Na segunda saída, ao se deparar com a castração fálica, ela anseia por um dia possuir esse falo, apoiada na fantasia de vir a ser um homem e possuir o pênis da significação fálica. Existe aí a recusa da menina em reconhecer a castração da mãe. De modo exagerado ela dá luz a masculinidade e se prende na identificação com a mãe fálica ou a figura do pai, a menina decepcionada por não ter o que espera do pai, o falo, vindo na forma de um filho regride ao complexo de masculinidade e se agarra a ele (Freud,1996h).

A terceira saída se dá quando a menina faz a troca do objeto, passa da mãe para o pai o seu investimento libidinal, quando ela se depara com a castração da mãe a mesma renuncia ao amor e se volta ao pai, por conta do desejo do pênis a qual sua mãe não foi capaz de proporcionar.

la. Porém, o desejo de possuir o pênis é substituído pelo desejo de ter um filho do pai. Freud (1996h) diz que essa seria considerada a atitude feminina normal.

Freud (1996h) após suas formulações teóricas dos caminhos da feminilidade postula que a maternidade seria uma possível saída do Édipo para mulher, por conta da virada ao pai como objeto de amor. Freud entende a saída para a maternidade para significar o feminino como uma forma da mulher reconstruir o seu narcisismo que foi rasgado pela insuficiência fálica. Na época da formulação das teorias freudianas, a participação da mulher na cultura era menos impactante do que a do homem, a maternidade seria a única saída a ser pensada dado as formações da época, porém nos tempos atuais devido aos avanços as mulheres ocupam na cultura um outro lugar, existindo outras saídas para a feminilidade, o reconhecimento social e o trabalho podem ser análogos como substitutos fálicos (Kehl, 1998).

Apesar do reconhecimento social, a participação na cultura por parte das mulheres e a relação com a maternidade não houve resolução frente a questão da feminilidade, Freud (1996d) diz que há algo na mulher que a torna incompreensível, um continente negro. Pode-se resumir as formulações de Freud (1996h) como uma partilha dos sexos a partir do falo, de ter ou não o ter. Desta forma, o desejo do feminino de possuir o filho equivalente ao falo, portanto, ser mãe para ser mulher. Ter ou não ter o falo, propões justamente que por não o ter que a mulher se torna o falo. Ela se transforma naquilo que ela não tem. É a ausência de pênis que a faz falo. Para se tornar objeto causa de desejo para o parceiro, tem de ocupar este lugar de ser o falo, sinal de menos com uma menos valia qualquer, marcada pela castração de alguma forma.

Orientado pelas ideias de Freud sobre a feminilidade, Lacan (2008) organiza o feminino com o conceito de não-todo, onde diz que na mulher existe algo de indizível. Lacan (2008) estabelece que no processo de constituição da feminilidade existe uma falta de um significante capaz de nomear a mulher, após essa ideia, Lacan ao longo de seus estudos irá conceituar a sexualidade em posições, feminina e masculina, todo o ser falante ocuparia um lugar dentro dessas posições, que não estão vinculadas essencialmente ao biológico, o que para o autor não exclui esse fator.

A falta torna alguém objeto de desejo para um outro, assim como acontece no caso do homem com a mulher, para ele ficar nesse lugar de objeto de desejo para uma mulher, ele tem de estar marcado por um menos, essa é a estrutura inferida por Lacan (2008) a partir da posição feminina. O mesmo traz que o conceito de falta-a-ter construída pela frustração da demanda é

deslocada para a falta-a-ser, que o falo simboliza. Lacan em Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina (2003) diz que a questão da falta-a-ter é simbolizada com falta-a-ser a partir então do conteúdo do clitóris, onde se dá a sexualidade fálica, no campo do desejo. O clitóris seria um dos equivalentes do falo, seguindo esse caminho novos objetos, inclusive o filho, serão construídos como objetos de gozo.

Lacan (2008) quando diz desse gozo, diz de um gozo do sujeito feminino enquanto modo de gozar, o gozo feminino pode ser atribuído tanto a mulher quanto ao homem. Já em Freud (1996h), sabemos que o menino ou a menina é a consequência de uma posição em relação à castração, e não determinado pela biologia do corpo.

Para isso no seminário 20 Mais, Ainda Lacan (2008) apresenta a tábua da sexuação para elucidar essa problemática das posições em relação ao gozo feminino.

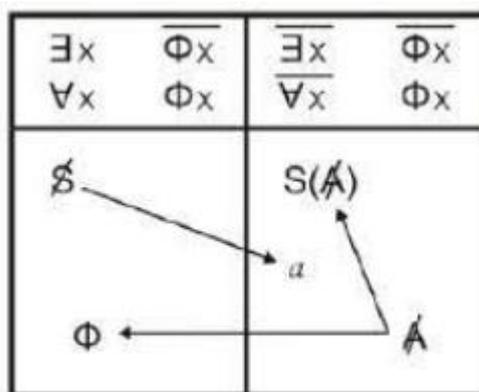


Figura: Recuperado de Lacan (1972-1973/1985, p. 105)

Figura 3. Tábua da Sexuação

Fonte: Ramires, H. H. A. e. (2004). Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. *Mental*, 2(3), 89-105. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008#nota.

Na tábua da sexuação são propostas quatro fórmulas, postas de forma proporcionais umas às outras, em um quadro formado por quatro espaços onde são possíveis as elaborações dos termos cunhados por Lacan, são eles: o sujeito dividido ($\$$), símbolo fálico (Φ), objeto pequeno a o significante de uma mulher ($A/$) e o significante da falta no Outro [$S(A/)$]. O lado esquerdo o masculino, direito o feminino.

O lado masculino:

As principais ideias propostas por Lacan (2008) em relação a posição masculina são as de que, “existe ao menos um homem para quem a função fálica não incide”, assim “Para todo homem é verdadeiro que a função fálica incide.” (Lacan, 2008, p.107).

A função fálica (Φx) endereça à castração - nessa expressão se tem um traço horizontal sobre ela indicando justamente sua abstenção. A fórmula então é a seguinte: existe pelo menos um homem que não foi submetido à castração, o pai primevo. Esse que não segue a regra da castração permite a fundamentação da mesma, desta forma, a exceção exige a regra (Lacan, 2008). A linha inferior do lado masculino traz a fórmula que ilustra essa universalidade: “para todo homem é verdadeiro que a função fálica incide” (Lacan, 2008, p.107).

O lado feminino:

Já no lado feminino se tem outro tipo de concepção: “não existe ao menos uma mulher para quem a função fálica não incide”, assim “para não-toda mulher é verdadeira que a função fálica incide” (Lacan, 2008, p.107). Lacan (2008) ao propor que não existe ao menos uma mulher que não seja castrada, empreende que toda mulher é castrada. Ao lado direito da tábua se tem que não existe pelo menos um que tenha escapado da castração.

Esse lado universal só pode ser fundado por quem esteja fora da regra, se do lado feminino não existe exceção, não se torna viável a universalidade, da perspectiva da função fálica, é então, impossível para Lacan (2008) falar de ‘todas as mulheres’, não haveria “A Mulher”, em uma ideia universal, onde se foi capaz retirar frases “A Mulher não existe”, e “a mulher é não-toda” (Lacan, 2008, p.107).

Lacan (2008) então formula que por não existir o universal do lado feminino não é possível estabelecer relação alguma entre os sexos masculino e feminino. Portanto, ele propõe o pensamento de que “não há relação sexual” dando luz então a essa impossibilidade de relacionar “O Homem” como todo e a mulher como não-toda (Lacan, 2008, p.109).

Desse modo o feminino está no lugar que não tem algo, que se é de alguma forma faltante, e simboliza isso como uma falta fálica. Lacan atenta ao dizer “não é porque ela é não-

toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo” (Lacan, 2008, p 109). Lacan (2008). Ao dizer da inexistência da mulher, pesca a ideia de que a feminilidade se relaciona com a falta de um significante que a represente, que dá o lugar de mulher.

Considerações Finais

A função paterna se encarna por meio de um significante, nomeado por Lacan (1999), no Seminário 5, como O Nome-do-Pai, mas esse conceito não diz respeito ao pai real (o genitor) muito menos o imaginário, trata-se portanto do pai simbólico, sendo um símbolo, essa função paterna pode ser exercida por pessoas diferentes do genitor, não se diz respeito a alguém específico, mas a uma função, que é exercida, permitindo ao sujeito entrar no registro simbólico, a partir do momento em que se encontra com um terceiro elemento em sua vida, pode ser a cultura ou as leis da linguagem; quando se reporta a uma ordem simbólica é o Nome-do-Pai que aparece como símbolo. Todo esse conceito proposto por Lacan (1999) diz respeito a um significante que está no ponto onde se pode ter uma alusão ao fato de que, é em nome desse pai, que exerce uma função privadora, de dizer e apresentar o não ao sujeito, que existe uma interposição, uma distância, um corte entre a criança e a mãe.

É dentro da cena edípica que o Nome-do-Pai irá se inscrever, sendo essa fase o ponto decisivo da sexualidade humana (Lacan, 1999). É o ponto de virada na produção da sexualidade, vai ser a partir desse ponto em que o sujeito irá estruturar o seu vir-a-ser, sobretudo em volta das diferenças entre os sexos e o seu posicionamento frente a castração, o homem e a mulher terão jeitos diferentes de lidar com a inscrição da função paterna e a sua relação com o falo.

Homem e mulher são dois significantes que representam posições, ter [masculino] ou não ter [feminino] o falo, na verdade nem uma das duas posições tem realmente o falo, é uma posição imaginária, essa construção da psicanálise tem o falo como pivô da sexualidade, esse sendo um significante crucial dessas relações faz o sujeito caminhar para uma dessas posições norteados por esse conceito de ter ou não ter. Para Lacan (2008) A mulher não tem uma relação com a feminilidade como o homem tem com a masculinidade, para o lado masculino existe um modelo, um elemento para a identificação. No lado feminino não existe esse conjunto, existem mulheres, mas não existe *a* mulher.

A feminilidade é constituída por um longo percurso psíquico, é um vir-a-ser, os pais não dão um traço que seja capaz de abarcar toda uma identidade, mesmo que as funções sejam exercidas e as identificações postas, algo escapa, pois assim, o motivo seria que o significante da identidade feminina não existe, há um mistério, algo de precisão e incerteza, hesitação e confiança. A mulher é um traço da palavra ao homem que elabora em seu desejo sob a ótica da função fálica. Para Lacan (1999) é essa função que opera de forma inconsciente onde precisa dar conta da falta, saber lidar com o buraco, na inexistência daquilo que completa; mascarando a falta, a mulher, na feminilidade lida justamente com as faltas, de um significante que a complete, o falo que de forma imaginaria e equivocada, carrega um signo de completude.

Diante disso pode-se arrematar as teorizações sobre a feminilidade no percurso da psicanálise de uma forma onde as elaborações circundam ao redor da primazia fálica, e como essa constitui a sexualidade feminina. Freud (1996h) coloca o falo como conceito central e estruturante para a sexualidade masculina e feminina, Lacan (2008) propõe outro tipo de gozo para a mulher, justamente por ela não está integralmente mergulhada na lógica fálica.

A um nível inconsciente do discurso não é possível uma relação de integralização entre os dois sexos, opostos, logo que o gozo enquanto estrutura sexual é da ordem fálica e não se relacionam com o Outro (Lacan,2008) a mulher goza do corpo e o homem goza referido ao falo. Decorrendo disso, o falo é não um privilégio do lado masculino, o feminino articula-se com o falo de uma outra forma, como um véu, simbólico, que encobre a falta [castração], simula a completude, um objeto valorizado pelo desejo dos sujeitos: todas as vezes que se deseja algo, tem um encontro com o outro sexo, se está articulando de uma posição feminina constituída pela falta e o falo.

Referências

- Alvarenga, E. (2019) A neurose obsessiva no feminino (1ª ed.). São Paulo: Relicário.
- Dor, J. (1999). A psicose lacaniana: elementos fundamentais da abordagem lacaniana das psicoses. In J. Birman (Org.). *Sobre a psicose*. (pp.75-88). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Freud, S (1996a). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. O Ego e o Id, e outros Trabalhos (1923-1925)*. (vol.19). (C. M. Oiticica & V. Ribeiro, Trads). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924)

- Freud, S. (1996b). Além do princípio de prazer. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos (1923-1925)*. (Vol.18). (C. M. Oiticica & V. Ribeiro, Trads). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1996c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. (Vol.19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925)
- Freud, S. (1996d). Análise leiga. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros Trabalhos (1925-1926)*. (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926)
- Freud, S. (1996e). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da Sexualidade. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. O Ego e o Id, e outros Trabalhos (1923-1925)*. (vol.19). (C. M. Oiticica & V. Ribeiro, Trads). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (1996f). Conferências introdutórias sobre psicanálise, parte III, Teoria geral das neuroses: conferência XXI - O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise Parte III (1915-1916)*. (vol.16). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917)
- Freud, S (1996g). O Ego e o Id. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. O Ego e o Id, e outros Trabalhos (1923-1925)*. (vol.19). (C. M. Oiticica & V. Ribeiro, Trads). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (1996h) Sexualidade Feminina. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. O futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos (1927-1931)*. (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931)
- Freud, S. (1996i). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Totem e Tabu e outros Trabalhos (1913-1914)*. (Vol.13). Rio de Janeiro: Imago, (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (1996j) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Um Caso de Histeria, Três Ensaio Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)*. (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: Mais, Ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1975)

- Lacan, J. (2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1938)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1970)
- Lacan, J. (1998a). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In J. Lacan. *Escritos (1936-1966)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959)
- Lacan J. (1998b). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In J. Lacan. *Escritos (1936-1966)*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1996)
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1981)
- Ramires, H. H. A. e. (2004). Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. *Mental*, 2(3), 89-105. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008#nota.
- Valdivia, O. B. (1997). Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. *Psicologia: ciência e profissão*, 17(3), 20-27. Recuperado de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931997000300004&script=sci_arttext. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000300004>.
- Quinet., A (2015). *Édipo ao pé da letra: Fragmentos de tragédia e psicanálise*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Waelhens, A. de (1990). *A psicose: ensaio e interpretação analítica e existencial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.